

LITERATURA E PSICANÁLISE: POR UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL

Gilson Antunes da Silva*

RESUMO: *Este texto tem como objetivo estabelecer algumas relações entre Literatura e Psicanálise enquanto práticas discursivas que se debruçam sobre a condição humana. Tendo como matéria-prima a palavra em sua polissemia, ambos os campos do saber influenciam e são influenciados entre si, oferecendo à civilização instrumentos importantes à compreensão da condição humana. Neste trabalho, além do estabelecimento desse entrecruzamento discursivo, evidencia-se, ainda que sucintamente, numa pesquisa cronológica, o desenvolvimento dessa relação, focalizando as principais correntes teóricas que tomaram essa intersecção como proposta de estudo.*

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Intersecção;

INTRODUÇÃO

As referências à literatura são uma constante ao longo da produção de Sigmund Freud, o criador da Psicanálise. O mestre de Viena encontrava, com muita frequência, na literatura, uma confirmação para suas construções teóricas. Dentre esses trabalhos, podem-se citar *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen, Dostoievski e o parricídio, O estranho, Escritores criativos e devaneios, O Moisés de Michelangelo, Uma nota sobre o bloco mágico, Leonardo da Vinci e uma recordação de sua infância*, dentre outros. Além disso, ele apontava, de maneira irreverente, para as criações poéticas (e as obras de arte em geral) como produtos da fantasia, realização de desejos e correção de uma realidade insatisfatória.

A recorrência aos textos literários por parte do criador da Psicanálise seguia duas perspectivas. Num primeiro momento, Sigmund Freud inclinava-se sobre tais textos com o intuito de desvendá-los. Ele focalizava aí alguns aspectos tais como a condição estética, a origem do gênio, a diferença criadora, a função da arte em relação ao sujeito e a reconstrução fantasmática do autor. Nesses trabalhos, Freud, de certa forma, testava os limites da investigação psicanalítica. De outro modo, o mestre de Viena aproximava-se da Literatura e da arte em geral, tomando-a como campo de investigação capaz de dizer algo mais sobre o real, visto que sua técnica não conseguia fazê-lo plenamente, ou seja, recorria-se à Literatura a fim de tentar dar conta daquilo que a Psicanálise não conseguia atingir. Freud, desse modo, parece inaugurar dois movimentos de investigação em que se aproximam Literatura e psicanálise. Conforme Rafael Villari (2009), essas duas vias podem ser tomadas em dois sentidos: aditivo e extrativo:

* Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade Católica de Ciências Econômicas da Bahia, Licenciado em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia e Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador. E-mail: gilsonfi@bol.com.br . Autor

Assim, vemos como Sigmund Freud inaugura o que nos parece constituir duas vertentes que reduzimos a dois movimentos de investigação trilhados e privilegiados em diferentes momentos históricos. Quer dizer, por um lado parece estabelecer-se entre a Literatura e a Psicanálise uma relação aditiva onde se tenta acrescentar sentidos ao texto literário a partir da interpretação psicanalítica. Por outro lado, vislumbra-se uma atitude que poderíamos chamar de extrativa, interessada em tentar resgatar do texto literário a particularidade que pudesse nutrir à Psicanálise (VILLARI, 2009, p. 03).

A confluência entre a Literatura e outras áreas do campo do saber tem-se tornado uma tônica nas últimas décadas. Com o intuito de apresentar abordagens mais abrangentes, a arte da palavra tem-se valido da história, da sociologia, da filosofia, da lingüística, da psicanálise, da semiótica e de outros campos do saber. A proposta deste trabalho é apresentar algumas dessas relações estabelecidas entre Literatura e a “ciência” de Freud. Para tanto, far-se-á uma análise numa perspectiva cronológica, evidenciando os principais trabalhos pioneiros nessa intersecção.

LITERATURA E PSICANÁLISE: INTERSECÇÕES POSSÍVEIS

Segundo Maria Helena Martins (2002), literatura e psicanálise são campos que se iluminam mutuamente nos seus possíveis e imponderáveis. Nesse sentido, uma não se subordina à outra; ao contrário, elas podem se utilizar entre si, como recurso para ampliação de seus conhecimentos, aclarando-se e enriquecendo seus campos de compreensão.

Uma das maneiras de se evidenciar as relações entre Literatura e Psicanálise pode ser recuperada em *As palavras e as coisas* (2007), de Michel Foucault. O filósofo francês aí defende a idéia de que os dois campos discursivos se originaram de um berço comum, situado na descontinuidade da *episteme* ocidental que deu origem à modernidade. Associada a um movimento no interior do campo dos saberes, essa ruptura implicou numa reconsideração da palavra, entendida agora como não só portadora de sentido e embebida no poder representativo, mas também como regulado por determinado número de leis e regras estritas.

Desde o início do século XX, o interesse pela Psicanálise por parte das outras ciências tem configurado diversos trabalhos nas mais diferentes estruturas. Segundo Cleusa Rios Passos (1995), na França, desde os anos 14 desse século, esse interesse já impregnava o Surrealismo, muito embora houvesse divergências entre os dois campos (a concepção de histeria, as de inconsciente e de criação artística, por exemplo).

A partir da década de 30, surge uma corrente de estudos que se dedicam à figura do escritor, ressaltando vínculos entre vida e obra. Esses estudiosos eram formados, principalmente, por analistas que reduziam o texto a um exemplo analítico. Exemplo típico dessa perspectiva é o estudo de René Laforgue sobre o poeta francês Charles Baudelaire. Pertencente ao domínio da patografia, esse trabalho resume-se numa “espécie de ‘descrição clínica’ da neurose de ‘fracasso’ do poeta” (PASSOS, 1995, p. 17).

Outra vertente (hoje considerada redutora) dos estudos interdiscursivos entre Literatura e Psicanálise é a psicobiografia, que se detém na relação entre atividades literárias, biografia e motivações inconscientes. Segundo essa vertente, o homem está na origem da obra e a tarefa é então estudar a interação homem-obra e a unidade dessa união apreendida nas suas motivações

inconscientes, tomando como domínio favorito para a compreensão a infância do artista. Dentre as principais contribuições nesse campo, podem-se destacar os trabalhos de Jean Delay, Marie Bonaparte, Dominique Fernandez e Jean Laplanche. Delay estuda a obra de André Gide e recorre à teoria psicanalítica das neuroses para dar conta de uma criação que conseguiu ser uma solução para os conflitos inconscientes, um mecanismo eficaz de defesa. Laplanche, por sua vez, analisa a obra do poeta alemão Friedrich Hölderlin interessado na sua psicose esquizofrênica. Marcel Moré, voltado para a obra de Júlio Verne, investiga aspectos da infância do autor presentes nas suas imagens literárias, como a obsessão por mensagens cifradas, além de charadas e outros enigmas. Por fim, Fernandez conjuga a posição determinante atribuída aos traumatismos infantis com a preocupação de despistar as mentiras ou disfarces do escritor a respeito de seu próprio passado. Delimita a trajetória existencial de Cesare Pavese, retificando-o e pondo-o em diálogo com toda a obra. Na sua proposta de entrecruzar literatura e psicanálise, Jean Bellemin-Noël (1978) nega essa vertente, uma vez que ela desconsidera o texto em sua autonomia. Para ele, “o crítico literário só deve levar em consideração o autor transformado em texto”. O criador fica a cargo dos historiadores da literatura e os historiadores no sentido estrito ou dos sociólogos, bem como dos psicanalistas interessados no processo de criação.

Em 1948 surge o termo psicocrítica cunhado por Charles Mauron, para designar o estudo voltado agora para a obra com sua rede de imagens e estruturas. O autor debruça-se sobre as metáforas insistentes numa obra, menos para dar-lhes a tradução simbólica que para pôr em relevo a rede formada pelas relações existentes entre elas. Segundo Marcelle Marini (1997), Mouron, pioneiro na leitura verdadeiramente literária, é o único inventor de um método específico, análogo, mas não idêntico, aos processos da própria prática analítica. Seu método supõe um longo aprendizado e exige um demorado convívio com os textos. Possui quatro etapas: a. as sobreposições que possibilitam a estruturação da obra em torno de redes de associações; b. a descoberta de figuras e de situações dramáticas ligadas à produção de fantasias; c. o mito pessoal, sua gênese e sua evolução, que simboliza a personalidade inconsciente e sua história; d. o estudo dos dados biográficos que servem de verificação à interpretação, mas só recebem importância e sentido da leitura dos textos. Portanto, esse método é, a um só tempo, indicial, estrutural (sincrônico) e histórico (diacrônico). Embora isso seja um avanço no campo dessa relação interdiscursiva, conforme salienta Marini, a psicocrítica, de acordo com Bellemin-Noël (1978) ainda recorre a elementos voltados para a vida do autor, atribuindo ao biográfico papel superior na construção de sentido ao texto.

Os herdeiros de Mouron, embora fiéis ao seu método, dedicaram-se a investigações nessa temática, enveredando por outras perspectivas. Dentre eles podem-se citar Anne Clancier, Yves Gohin e Serge Doubrovski, além de Marcelle Marini. A primeira trabalha entre a análise da personalidade inconsciente e a da simbolização poética, valorizando sua posição de leitora perante o texto. Já Gohin e Doubrovski analisam as relações estabelecidas entre as estruturas conscientes e estruturas inconscientes na extrema singularidade do texto. Marini atém-se ao trabalho de enunciação, à elaboração de fantasias, à distância ou às contradições produzidas pela enunciação enunciativa.

Esses procedimentos foram chamados, conforme Luiz Alberto de Freitas (2001) de psicanálise aplicada, que se pautavam numa tentativa de ressaltar os vínculos entre a vida do autor e a obra, tratando o texto, fundamentalmente, como exemplo analítico. Contra esse modelo reducionista, o autor supracitado opõe uma metodologia mais democrática e expansiva, capaz de se aproximar das produções da cultura e de desconsiderar qualquer relação entre atenção

flutuante e curso associativo¹. A este tipo de prática Freitas denominou de psicanálise em extensão e apontou suas contribuições no campo da análise literária:

A psicanálise em extensão poderá, ao se aproximar das produções dos escritores, proporcionar diferentes leituras interpretativas, examinando os textos da literatura, desligados de seus autores. Ela oferecerá uma interpretação em extensão a uma interpretação já dada pelo autor ao criar seu personagem (FREITAS, 2001, p. 26).

Essa psicanálise em extensão se opõe àquilo que o autor chamou de psicanálise em intensão, aquela prática que pressupõe uma clínica, ou seja, um analista inclinado sobre um paciente e tendo como viga mestra do processo o fenômeno da transferência.

Segundo Hórus Vital Brazil (1992) a interpretação psicanalítica pautada no método acima descrito por Freitas busca na própria cultura objetos já criados, composições acabadas pelos efeitos de um processo sublimatório que eleva o valor social do objeto, podendo remeter por meio da significação do discurso poético à descoberta de matrizes da subjetividade. É desta maneira que o psicanalista descreve o valor da crítica embasada na Psicanálise:

Desse modo, a interpretação psicanalítica se inclui entre as múltiplas interpretações que enriquecem o patrimônio cultural, demonstrando como a disponibilidade interpretativa da subjetividade submetida ao imperativo de produção no simbólico, consegue efeitos de sublimação tanto quanto a criatividade dos poetas que descrevem personagens que se situam, pela sua representatividade no cenário social, entre fato e ficção denunciando as repressões secundárias (BRAZIL, 1992, p. 84-5)

Outro nome importante que se insere nessa discussão acerca da interdiscursividade aqui analisada é o de Julia Kristeva. Com a semanálise, Kristeva cria uma teoria que se volta para o cruzamento entre semiologia e psicanálise, uma vez que, conforme a autora, o homem moderno vive na tensão entre o símbolo e o simbólico, entre as palavras e as coisas.

Nas últimas décadas do século XX, é Jacques Lacan quem se destaca com sua releitura da obra de Freud e a recorrência constante ao literário para esclarecer sua construção teórica. Nessa apropriação, o discípulo freudiano retoma Sófocles, Shakespeare, Poe, Claudel, Sade e outros, lançando uma nova perspectiva sobre a relação Literatura-Psicanálise.

Uma das inovações lacanianas em relação ao seu mestre no que diz respeito a essa aproximação aqui discutida, segundo Cleusa Rios (1995) é a recusa de uma abordagem psicobiográfica e do tratamento dado por Freud às personagens do texto literário, vistas agora não mais como pessoas a serem psicanalisadas, mas como elementos inseridos numa cadeia simbólica, deslocando-se e alterando-se quando de posse de um significante textual.

Tanto a Psicanálise quanto a Literatura se configuram como práticas que experimentam a linguagem como material primário. A crítica psicanalítica busca ler a profundidade e a

¹ Atenção flutuante: segundo Freud, é o modo como o analista deve escutar o analisando. Aí, não se deve privilegiar a priori qualquer elemento do discurso dele, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção. (LAPLANCHE E PONTALIS, 2004).

complexidade do texto literário, evidenciando suas implicações mais complexas e as multiplicidades e contradições aí presentes. Segundo Marini (1997), essa teoria tem-se tornado uma área complexa, pois a constante proliferação de trabalhos nessa linha tem convergido para uma verdadeira Torre de Babel. Isso se evidencia a partir de três pontos essenciais: a diversidade de teorias psicanalíticas, conforme as escolas (freudianas, lacanianas, junguianas, kleinianas, etc.), a diversidade de objetivos propostos e a diversidade ilimitada de *corpus*: todo texto literário, em todos os tempos e lugares e em todos os gêneros.

Terry Eagleton (2006), ao analisar a crítica psicanalítica, divide-a em quatro tipos, dependendo daquilo que ela toma por objeto de atenção. Desse modo, a crítica literária psicanalítica pode se voltar para o autor da obra, para o conteúdo, para a construção formal, ou para o leitor. Para o teórico, a ênfase tem sido dada aos dois primeiros tipos.

A análise psicanalítica do autor recai sobre a “intenção” deste para as obras literárias. Já a psicanálise do “conteúdo” é configurada a partir de comentários sobre as motivações inconscientes dos personagens, ou sobre a significação psicanalítica de objetos ou acontecimentos do texto. A análise da construção focaliza o processo de criação da obra literária. Sua preocupação não é apenas ler o texto, mas descobrir os processos, o trabalho onírico, através do qual o texto foi produzido. Por fim, a crítica que elege o leitor como pólo principal, detém-se na compreensão da obra literária como estímulo que movimenta o leitor num jogo mútuo de fantasias inconscientes e de defesas conscientes contra elas.

Um dos adeptos dos ensinamentos freudianos que teoriza acerca da relação Literatura-Psicanálise é Joel Bellemin-Noël. Por meio da textanálise, acredita na idéia de que, com o apoio das operações psicanalíticas, “se ouça o que está inscrito no texto”, objetivando estabelecer um sentido a partir de seus enunciados. Conforme esse estudioso, os dois saberes possuem muitos aspectos em comum, desde a leitura do humano ao trabalho com a linguagem. Vale citar o parágrafo na íntegra:

Se o sentido excede o texto, existe falta de consciência em alguma parte. O fato literário só vive de receptor em si uma parte de inconsciência, ou de inconsciente. A tarefa que desde sempre a crítica literária se atribuiu consiste em revelar esta falta ou este excesso. Em suma, já que a literatura carrega nos seus flancos o não-consciente e já que a psicanálise traz uma teoria daquilo que escapa ao consciente, somos tentados a aproximá-las até confundi-las. O conjunto das obras literárias oferece um ponto de vista sobre a realidade do homem, sobre o meio onde ele existe tanto quanto sobre a maneira como ele capta ao mesmo tempo este meio e as relações que mantém com ele. Este conjunto é uma série de discursos e uma concepção do mundo: os textos e a cultura sem interrupção. A doutrina psicanalítica apresenta-se de maneira quase análoga: um aparelho de conceitos que reconstruem o psiquismo profundo, e modelos de decifração. Se o corpo dos textos e o instrumental teórico pertencem a ordens diferentes da realidade (um material contra os instrumentos de investigação), é preciso não perder de vista que a visão do mundo das belas-letas e a marcação dos efeitos do inconsciente funcionam do mesmo modo: são duas espécies de interpretação, maneiras de ler, digamos *leituras*. Literatura e psicanálise ‘lêem’ o homem na sua vivência quotidiana tanto quanto no seu destino histórico. Elas se assemelham mais profundamente por excluírem qualquer *metalinguagem*: não há diferença entre o discurso que se faz sobre elas e os discursos que as constituem. Sabe-

se que nunca chegaremos a nos desligar verdadeiramente daquilo de que falamos, e entretanto fixamos como finalidade chegar a verdades *falando do homem que está falando* (BELLEMIN-NOËL, 1978, p.13).

Para o autor supracitado, a Psicanálise oferece instrumentos, princípios e meios capazes de auxiliar numa leitura mais precisa da literatura. Nessa abordagem da Psicanálise, é importante observar a maneira como o desejo se manifesta através dos materiais, dos contextos, dos dados culturais, obedecendo sempre às mesmas leis. É importante ainda nessa leitura o empenho em decifrar os elementos mascarados ou criptografados na própria escritura. Trata-se de adentrar na obra literária a partir de uma perspectiva freudiana, lendo-a naquilo “que ela diz sem o revelar, porque o ignora; ler o que ela cala através do que mostra e porque o mostra por este discurso mais do que por um outro” (BELLEMIN-NOËL, 1978, p. 19). O objetivo, portanto, dessa intersecção é o seguinte:

que a psicanálise ajude a leitura a revelar uma verdade do discurso literário, a dotar este setor da estética de uma dimensão nova, a fazer ouvir uma fala diferente de maneira que a literatura não nos fale somente dos outros, mas do outro em nós (BELLEMIN-NOËL, 1978, p. 20).

Ao situar sua proposta de trabalho, o autor de *Psicanálise e literatura* (1978) sistematiza em linhas gerais as propostas de sua textanálise. Naquilo que diz respeito à interpretação, essa prática consiste primeiramente em resumir para se trabalhar sobre as grandes linhas da organização fantasmática (as palavras principais da frase), mas depois ou ao mesmo tempo deve-se ocupar da letra do texto, de sua literariedade (adjetivos, palavras instrumentais, sintaxe, escansão, fonemas, grafemas). Desse modo, é importante ainda que se tenha em vista a dimensão do texto/obra a ser analisado:

O essencial é instaurar um fechamento do texto a ser lido, não transbordar para fora mas _ se podemos assim dizer _ para dentro, o que já é transbordamento pelo efeito das rupturas inconscientes. Delimitar o espaço para nele efetuar trajetos, perceber os encadeamentos de significados e os ecos de significantes (seja na negação ou na inversão), localizar as correntezas que se devem contornar com o barco para evitar a vertigem, em suma, ouvir com a intenção de intervir: inter-pretar (BELLEMIN-NOËL, 1978, p.86).

Embora Jean Bellemin-Noël conceba a leitura psicanalítica um trabalho que envolva o engajamento pessoal, não somente uma competência em teoria freudiana, ele não atribui essa tarefa exclusivamente ao analista com formação em psicanálise. Para ele, o ideal seria que existissem psicanalistas familiarizados com todas as exigências da leitura literária e críticos que tivessem tempo para fazer uma análise. Entretanto, o trabalho de um não-analista tem seu valor à medida que a ele se dedique com seriedade e compromisso. Comparando o trabalho de ambos (crítico e analista), Bellemin-Noël afirma que, enquanto o último trabalha no anonimato, o crítico, às claras, sendo julgado e avaliado por seus pares, submetido a um controle permanente que o constringe à exploração séria das interpretações que ousará submeter à apreciação do público.

Rui Annes, no ensaio *A literatura no labor interpretativo psicanalítico* (2002), analisa a experiência feita pelo analista com a literatura e pelo literato com a psicanálise. No que diz respeito ao analista, pode-se afirmar:

O analista pode, por meio da leitura de uma obra literária, exercitar-se com situações e mundo alternativos, obtendo os mais variados resultados, ampliando a sua visão e sua relação com os outros. Por isso, a experiência com os múltiplos contextos que a literatura nos oferece pode ser adaptativa, com vistas ao futuro, além de criativa, voltada para o presente. Isso pode ser bem importante para o trabalho analítico, pois assim se ampliam as possibilidades de interpretação do discurso do analisando, comprovando alternativas na relação transferencial (ANNES, 2002, p. 70-1).

Ainda que existam pontos de aproximação entre a arte da palavra e a ciência do inconsciente, para André Green (1994) o trabalho interpretativo que toma a Psicanálise como instrumento de análise deve ser feito exclusivamente por analistas.

A necessidade de articulação entre psicanálise e outras ciências, e existem algumas que não são humanas, é incontestável. Mas ela não pode vir de fora, nem ser executada por aqueles que só conhecem a psicanálise através de livros, mesmo quando sua profissão é justamente ler, refletir e escrever o resultado de suas reflexões (GREEN, 1994, p. 16).

Portanto, praticar a psicanálise, mesmo a dos textos, necessita da passagem pela experiência da psicanálise. A crítica psicanalítica, afirma Green (1994), é uma prática teórica e se fundamenta numa prática e numa teoria que se explicitam mutuamente. Não pode se reduzir apenas a uma teoria pura, assim como também não pode nascer exclusivamente dessa teoria. Nesses moldes, a prática literária desse crítico analista tem como objetivo estudar e interpretar as “relações entre o texto literário e o inconsciente [...], quer se trate da organização do inconsciente do texto, do papel do inconsciente na produção (e no consumo) dos textos etc” (GREEN, 1994, p. 13-4). O psicanalista, em seu trabalho crítico, age diante do texto estabelecendo uma transformação. Sua leitura é mais que isso, é uma escuta nos moldes de uma escuta psicanalítica. Oscila entre a leitura/escuta rigorosa e uma leitura indolente, uma leitura flutuante. Procura ainda dar ao texto o mesmo tratamento que se costuma dar ao discurso consciente que encobre o discurso inconsciente.

Para Cleusa Passos (1995) a Psicanálise nessa confluência pode ser tomada como teoria e método de investigação, associados a produções imaginárias e não como método terapêutico. A autora destaca ainda a necessidade de se atentar para o não reducionismo diante de um trabalho que utilize tal metodologia. Nessa perspectiva,

elementos da teoria psicanalítica ganham maior ou menor relevo conforme sua presença na fatura da obra analisada e o empréstimo de determinada terminologia traz consigo as perdas inerentes a qualquer procedimento que desentranhe conceitos da esfera na qual tiveram origem e desenvolvimento (PASSOS, 1995, p. 23).

Seguindo por um mesmo viés, Adélia Bezerra de Meneses (2004) afirma que as relações entre Literatura e Psicanálise se dão em mais de um nível, embora a Palavra seja o centro dessas intersecções. Isso se dá, portanto:

desde a utilização da Palavra como matéria-prima comum, até a refinada fórmula lacaniana do ‘inconsciente estruturado enquanto linguagem’, passando pelo substrato comum a sonhos, mitos, lendas, lapsos, epopéia, romance, poema _ a emersão do inconsciente (MENESES, 2004, p. 11).

A psicanálise usa a palavra como instrumento de comunicação, compreensão dos desejos recalcados e, acima de tudo, como matéria para a interpretação. Já a literatura, enquanto expressão estética, trabalha a palavra como matéria-prima, explorando-a em todas as suas especificidades. As duas, portanto, jogam com a palavra, claro que com regras e valores diferentes.

Tanto na literatura quanto na psicanálise, os procedimentos, a polissemia, ambigüidade semântica são artifícios de linguagem que provocam mudanças nas relações significativas entre textos, motivos, temas, histórias vividas e fantasiadas, influenciando modos de ler a si próprio, o outro, o mundo. Por isso é fácil, tanto no universo da literatura como no âmbito da psicanálise, as pessoas confundirem-nas e se confundirem com elas, as palavras (MARTINS, 2002, p. 161).

Para Adélia Meneses, tanto a Literatura quanto a Psicanálise, lugares do exercício da Palavra, fornecem uma leitura do indivíduo, proporcionando um conhecimento da alma e da natureza humana. Ambos os campos do saber se radicam no mesmo solo: a leitura do humano, tanto no âmbito individual como no coletivo, planos que se imbricam e se interpenetram. É aí também que as duas fracassam: “nem a crítica literária nem a investigação psicanalítica tem o poder de desvendar ou descobrir os recônditos do ser humano *in totum* por mais que se aproximem dessas profundezas” (MARTINS, 2002, p. 160). Ambas permanecem na penumbra do inalcançável.

Radicadas no âmbito da natureza humana, as duas disciplinas se aproximam e se complementam. A Psicanálise torna-se um instrumento valioso de leitura para a Literatura. Desse modo, a abordagem psicanalítica pode ser compreendida como “recurso de interpretação, revelação e desvendamento, e origina-se de raízes semelhantes às da leitura ideológica (MENESES, 2004, p. 15-6)”. Para Rita Terezinha Schmidt (2002), esse ponto é central na intersecção entre os dois campos discursivos. Em ambos, a principal operação analítica reside na interpretação. Tanto o crítico quanto o analista interpretam o sistema de representação que constitui o texto literário/texto cultural, buscando nele identificar a constelação de estratégias utilizadas, as linhas de força que o constituem e os valores simbólicos que o singularizam para construir o significado e o conhecimento desse mesmo significado.

Outro ponto de intersecção entre as disciplinas aqui tomadas como objeto de comparação é o fato de ambas se configurarem, à medida que estabelecem uma leitura do humano, como um trabalho interpretativo, trabalho exegético, horizontes hermenêuticos. Além disso, tanto a Literatura como a Psicanálise trabalham com o campo do símbolo e da analogia, além de privilegiarem o significante.

Roberto Gomes (2002), discorrendo sobre essas aproximações entre as duas disciplinas, levanta outro ponto de intersecção: o da fantasia. Conceito central tanto na literatura quanto na psicanálise, é o elemento que nutre os sonhos e que se aproxima daquilo que Freud chamou de desejo inconsciente.

Leyla Perrone-Moisés (1990), chama a atenção para os riscos de uma leitura literária reducionista ao se tomar a psicanálise como instrumento interpretativo. A grande limitação nessa leitura é a transformação da singularidade e generalidade e, inversamente, o enquadramento forçado de um discurso plural em um esquema prévio e fechado, como se uma verdade absoluta fosse possível. Além disso, salienta a escritora, isso é mais agravado quando se atribui essa verdade à pessoa do autor ou quando se reduz a interpretação a elementos de natureza sexual e a tipologias neuróticas ou psicóticas. Reconhecendo esses riscos e pautada nas contribuições lacanianas, Leyla Perrone-Moisés (1990) oferece quatro regras fundamentais para se estudar o texto literário, na confluência entre Literatura e Psicanálise:

- (1) lembrar que o texto literário é, antes de mais nada, obra de linguagem;
- (2) abandonar a miragem de uma interpretação última e definitiva;
- (3) privilegiar a produção do sentido e não a troca enganosa de sentidos plenos e prévios;
- (4) dispensar o biografismo, que confunde indivíduo falante com enunciador (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 112).

Para a autora, uma crítica literária de inspiração lacianiana longe de se deter numa realidade desejada e representada por palavras, busca a realidade processual do desejo, inscrita e ocultada nas palavras e em seus interstícios, no desejo tornado letra. O crítico atém-se não na história pessoal do escritor, mas na inscrição contínua do desejo no discurso.

Por fim, cabe destacar outro teórico importante que pensa essa relação entre Literatura e Psicanálise. Em *Além da psicanálise: a literatura e as artes* (1995), Philippe Willemart destaca dois motivos pelos quais a literatura interessa ao analista: o manejo atípico com a linguagem e o caráter ampliador da literatura naquilo que concerne aos elementos da cultura e da tradição.

A literatura será, portanto, útil ao analista essencialmente por duas razões. Insistindo na desconexão, na separação, na destruição, na abolição das unidades como a frase, a palavra ou o fonema, acostuma seu leitor a não se ater justamente à coerência ou à elaboração secundária da linguagem emitida pelo analisando. Por outro lado, emergindo da cultura e da tradição que a sustenta, a grande literatura alarga o saber do analista às dimensões das raízes das quais brota seu século, assentando melhor sua atuação. Podendo escutar, assim, uma verdade do inconsciente pelo litoral constituído pela literatura, o analista é mais apto a ouvir os anseios, a angústia e o desejo de seu analisando, para interpretá-la (WILLEMART, 1995, p. 149-50).

Ambas as práticas, quer a literária, quer a psicanalítica, derivam do mesmo sujeito preocupado com seu passado, sua tradição, seus medos e fantasmas, seus desejos e seus limites. As duas, portanto, se unem no mesmo esforço de dar conta de um Real impossível de ser dito, circundando as bordas da coisa sem apreendê-la em sua totalidade. Distanciando ou se aproximando, tanto a Literatura quanto a Psicanálise procuram apreender uma realidade que se esvai a cada sentido estabelecido, enveredando pelo mesmo caminho: aquele onde o humano se abre em sua potencialidade, onde as paixões se expõem sem máscaras e sem adornos.

OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Tanto a Psicanálise quanto a Literatura configuram-se como práticas que tomam como matéria-prima a linguagem, a palavra em suas ambigüidades, em sua polissemia e radicam-se no solo das paixões humanas em suas incoerências. Ambas, portanto, trazem em si um desejo de compreender o homem em suas contradições. Nesse entrecruzamento discursivo, a Psicanálise pode oferecer instrumentos, princípios e meios capazes de auxiliar numa leitura mais precisa da Literatura e esta, por sua vez, pode também oferecer à outra instrumentos importantes à leitura do humano.

REFERÊNCIAS

ANNES, Rui. A literatura no labor interpretativo psicanalítico. In: MASINA, Léa e CARDONI, Vera. (Orgs.) **Literatura comparada e psicanálise: interdisciplinaridade, interdiscursividade**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2002. p. 67-72.

BELLEMIN-NOËL, Jean. **Psicanálise e literatura**. (Trad. Álvaro Lorencini). São Paulo: Cultrix, 1978.

BRAZIL, Hórus Vital. **Dois ensaios entre psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. (Trad. Waltensir Dutra). 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. (Trad. Salma Tannus Muchail). São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

GOMES, Roberto. Psicanálise e literatura ou Hipomenes e o outro de Atalanta. In: MASINA, Léa e CARDONI, Vera. (Orgs.) **Literatura comparada e psicanálise: interdisciplinaridade, interdiscursividade**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2002. p. 177-87.

GREEN, André. **O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MARINI, Marcelle. A crítica psicanalítica. In: _____. (Trad. Olinda Maria Rodrigues Prata) **Métodos críticos para a análise literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Leitura e Crítica). p 45-96.

MARTINS, Maria Helena. A palavra, pedra de toque da literatura e da psicanálise. In: MASINA, Léa e CARDONI, Vera. (Orgs.) **Literatura comparada e psicanálise: interdisciplinaridade, interdiscursividade**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2002. p. 156-62.

MENESES, Adélia Bezerra de. **Do poder da Palavra: ensaios de literatura e psicanálise**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. **Confluências: crítica literária e psicanálise**. São Paulo: Nova Alexandria: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. (Série Pensamentos)

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Nenhures: considerações psicanalíticas à margem de um conto de Guimarães Rosa. In: **Flores da escrivantina – ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 111-26.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Pelo viés da cultura: repensando relações entre literatura e psicanálise. In: MASINA, Léa e CARDONI, Vera. (Orgs.) **Literatura comparada e psicanálise: interdisciplinaridade, interdiscursividade**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2002. p. 41-8.

VILLARI, Rafael Andrés. **Relações possíveis e impossíveis entre literatura e psicanálise**. In: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/pcp/v20n2/v20n2a02.pdf>. Acesso em: 20/02/2009.

WILLEMART, Philippe. **Além da psicanálise: a literatura e as artes**. São Paulo: Nova Alexandria: FAPESP, 1995. (Série Pensamento Universitário).